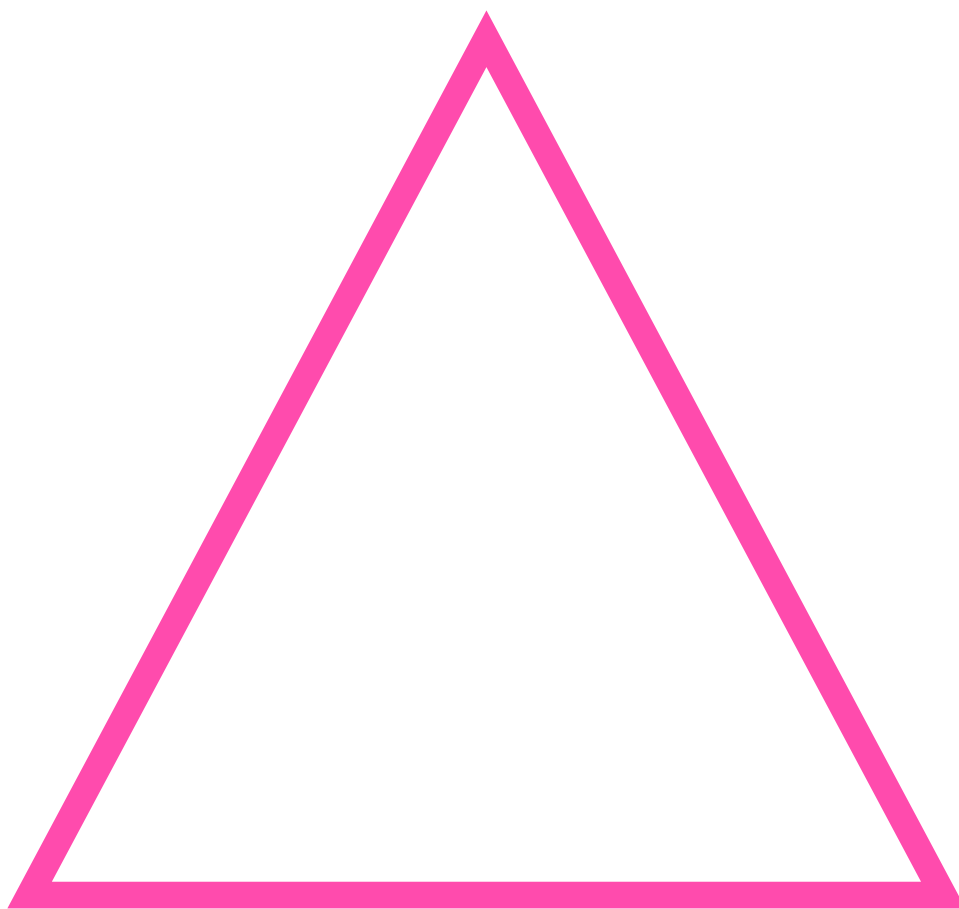


Caderno  
de Leituras  
n.53

série intempestiva |

Tradução de  
Roberto Romero

# Manifesto Queer Nation<sup>1</sup>



<sup>1</sup> Este Manifesto Queer Nation foi publicado no catálogo do [forumdoc.bh.20anos](http://forumdoc.bh.20anos) (festival do filme documental e etnográfico - fórum de antropologia e cinema), que acontece em Belo Horizonte, entre os dias 17 e 27 de novembro de 2016. Nesta edição do festival é realizada a mostra/seminário "Queer e a Câmera", coordenada por Paulo Maia, que reúne vinte e quatro

filmes, além de debates e sessões comentadas. O catálogo do [forumdoc.bh.2016](http://forumdoc.bh.2016), com o manifesto que publicamos aqui e muitos outros textos e ensaios, além da programação completa do festival, está disponível gratuitamente em [www.forumdoc.org.br/ja-esta-disponivel-o-catalogo-do-forumdoc-bh-2016-20-anos/](http://www.forumdoc.org.br/ja-esta-disponivel-o-catalogo-do-forumdoc-bh-2016-20-anos/). Agradecemos ao [forumdoc.bh](http://forumdoc.bh), vida longa ao festival!

Texto do manifesto que originalmente circulou entre as pessoas que protestavam numa ação da ACT UP,<sup>2</sup> durante a Parada Gay de Nova York de 1990

Como posso lhe dizer? Como posso convencê-la, irmão, irmã, de que a sua vida está em perigo. Que todo dia que você acorda, viva, relativamente feliz e saudável, você está praticando um ato de rebelião. Você, uma queer viva e em bom estado de saúde, é uma revolucionária. Não há nada neste planeta que valide, proteja ou encoraje a sua existência. É um milagre que você esteja aqui lendo estas palavras! Você deveria, para todos os efeitos, já estar morta.

Não se engane, os heterossexuais dominam o mundo e a única razão pela qual você foi poupada é que você é esperta, sortuda ou uma lutadora. As pessoas hétero possuem um privilégio que permitem a elas fazerem o que bem quiserem e foder sem temer. Mas elas não somente vivem uma vida livre do medo, como também fazem questão de esfregá-la na minha cara. Suas imagens estão na minha TV, na revista que comprei, no restaurante onde quero comer e na rua onde eu moro. Eu quero que se decrete uma moratória ao casamento hétero, aos bebês, às demonstrações públicas de afeto entre pessoas do sexo oposto, às imagens de sexo e mídias que promovem a heterossexualidade. Até que eu possa usufruir da mesma liberdade de movimento e sexualidade que os heterossexuais, o privilégio deles deve ser cassado e transmitido a mim e às minhas irmãs e irmãos queer.

Os héteros não farão isso voluntariamente e, portanto, devem ser forçados a fazê-lo. Devem ser amedrontados a fazê-lo. Aterrorizados a fazê-lo. O medo é o mais poderoso motivador. Ninguém nos dará o que merecemos. Direitos não são dados, são tomados – pela força, se necessário.

É mais fácil lutar quando você reconhece quem é o inimigo. Os heterossexuais são o inimigo. São o inimigo quando não reconhecem a sua invisibilidade e continuam a viver e a contribuir para uma cultura que te mata. Todo dia uma de nós é levada pelo inimigo. Seja numa morte por AIDS devido à omissão de um governo homofóbico ou num ataque a lésbicas em algum bar noturno (em uma vizinhança supostamente lésbica), estamos sendo sistematicamente linchadas e continuaremos sendo descartadas a menos que entendamos que se levarem uma de nós terão de levar todas nós.

## Um exército de amantes não pode perder

**2.** Sigla da AIDS Coalition to Unleash Power (Coalizão da AIDS pelo empoderamento), um coletivo internacional de ação direta em defesa das pessoas que vivem com HIV/AIDS.

Ser queer não é sobre um direito à privacidade; é sobre a liberdade de ser público, de simplesmente sermos quem somos. Significa enfrentar a opressão diariamente: homofobia, racismo, misoginia, a intolerância dos hipócritas religiosos e o nosso próprio desprezo. (Fomos cuidadosamente ensinadas a odiar a nós mesmas). E agora, é claro, significa combater um vírus também, e todos aqueles homofóbicos

que estão usando a AIDS para nos varrer da face da terra.

Ser queer significa levar um outro tipo de vida. Não é sobre o mainstream, margens de lucro, patriotismo, patriarcado ou sobre ser assimilado. Não é sobre diretores executivos, privilégio e elitismo. É sobre estar nas margens, definindo nós mesmas; é sobre desfazer gênero e segredos, sobre o que está abaixo do cinto e, profundo, dentro do coração. É sobre a noite. Ser queer é ser “local” porque sabemos que cada uma de nós, cada corpo, cada gozo, cada coração e cú e pau é um mundo de prazeres esperando para serem explorados. Cada uma de nós é um mundo de possibilidades infinitas.

Somos um exército porque precisamos ser. Somos um exército porque somos tão poderosas! (Temos tanto pelo que lutar; somos a mais preciosa das espécies ameaçadas de extinção). E somos um exército de amantes porque somos nós quem sabemos o que amar quer dizer. Desejo e luxúria também. Nós os inventamos. Nós saímos do armário, encaramos a rejeição da sociedade, enfrentamos pelotões de fuzilamento, apenas para amarmos uns aos outros! Cada vez que nós fodemos, nós vencemos.

Devemos lutar por nós mesmas (ninguém mais irá fazê-lo) e se neste processo trouxermos maior liberdade para o mundo, que ótimo! (Já demos tanto a este mundo: a democracia, as artes, os conceitos de amor, a filosofia e a alma, para nomear apenas algumas das dádivas das nossas antigas sapas e bichas gregas). Vamos fazer de cada espaço um espaço gay e lésbico. De cada rua uma parte da nossa cartografia sexual. Uma cidade de desejos e então de total satisfação. Uma cidade e um país onde estejamos seguras, livres e mais! Devemos olhar para nossas vidas e enxergar o que nelas há de melhor, o que há de torto (queer) e o que há de norma (straight) e mandar a norma à merda! Lembrem-se que temos pouco, tão pouco tempo. E eu quero ser um amante para cada um de vocês. No ano que vem, vamos pra rua nus!

## Tenho raiva

Nossas irmãs mais fortes disseram aos nossos irmãos que havia duas coisas importantes para se lembrar sobre as revoluções que vêm. A primeira é que vamos apanhar. A segunda é que vamos vencer.

Tenho raiva. Tenho raiva por ser condenado à morte por estranhos dizendo “você merece morrer” ou “a AIDS é a cura”. A raiva explode quando uma mulher Republicana vestindo milhares de dólares em roupas e joias desfila através dos cordões policiais sacudindo a cabeça, agitando e apontando o dedo para nós como se fossemos crianças mimadas exigindo demandas absurdas e fazendo pirraça quando não são atendidas. Tenho raiva enquanto José agoniza desembolsando 8 mil dólares por ano para pagar AZT's que devem mantê-lo vivo por um pouco mais de tempo e que ainda o tornam mais doente do que a doença com que foi diagnosticado. Tenho raiva quando ouço um homem me dizer que depois de mudar o seu testamento cinco vezes, já não tem mais para quem deixar os seus bens. Todos os seus melhores amigos estão mortos.

Tenho raiva quando me vejo num mar de colchas de quilt,<sup>3</sup> quando vou em uma marcha à luz de velas ou em mais um funeral. Não irei marchar em silêncio com uma merda de uma vela e quero pegar aquelas malditas colchas e me embrulhar nelas, rasgá-las e arrancar

3. Colchas tecidas com retalhos em homenagem às pessoas mortas em decorrência da AIDS.

os meus cabelos amaldiçoando toda religião já criada em nome de Deus. Recuso-me a aceitar uma criação que elimina pessoas em sua terceira década de vida. É cruel, vil e sem sentido e tudo o que eu tenho em mim vai contra este absurdo. Inclino o meu rosto para as nuvens e uma gargalhada furiosa, mais demoníaca que alegre, irrompe da minha garganta, enquanto lágrimas escorrem no meu rosto e, se esta doença não me matar, devo acabar morrendo de desgosto.

Meus pés caminham nas ruas enquanto as mãos do Pedro estão atadas ao balcão da recepção de uma companhia farmacêutica, onde o recepcionista o encara com horror, e enquanto o corpo de Eric apodrece num cemitério no Brooklyn, sem que eu jamais possa voltar a ouvir o som da sua flauta atravessando as paredes da casa de encontros. E eu vejo os velhos em Tompkins Square Park amontoados em seus longos casacos de lã, em Junho, para afastar o frio que ainda sentem e agarrando-se para viverem o pouco que a vida resta a oferecê-los e penso: “Ah! Eles entendem!”

E me lembro das pessoas que se despem diante de um espelho todas as noites antes de dormir à procura de alguma marca nos seus corpos que ainda ontem não estava lá. A marca de que esta peste as visitou. E tenho raiva quando os jornais nos chamam de “vítimas” e alardeiam que “isso” deve logo se espalhar para a “população em geral”. E quero gritar “Que diabos sou eu?” E quero gritar no Hospital de Nova York, com suas bolsas de plástico amarelas onde lê-se “linha de isolamento”, ropa infecciosa e seus plantonistas em luvas de látex e máscaras cirúrgicas isolando uma cama como se o seu ocupante fosse subitamente saltar e regá-los com sangue e sêmen transmitindo a peste também pra eles.

E tenho raiva dos heterossexuais que se sentem presunçosamente protegidos em suas capas de monogamia e heteronormatividade, confiantes de que a doença não tem nada a ver com eles porque só acontece com “eles”. E dos rapazes que, ao verem o meu bótomo “Silêncio = Morte” saem cantando “bichas vão morrer”. Me pergunto: quem ensinou isso a eles? Coberto de fúria e medo, continuo em silêncio enquanto meu bótomo é motivo de piada a cada passo do caminho. E a raiva que eu sinto quando um programa de televisão sobre quilts lê os perfis dos mortos e a lista começa por um bebê, uma jovem que passou por uma transfusão de sangue, um velho pastor batista e sua esposa e, quando finalmente mostram um homem gay, ele é descrito como alguém que infectou propositalmente garotos de programa com o vírus. O que mais se esperaria de um viado? Tenho raiva.

## [Sem-título]

Desde o princípio dos tempos, o mundo foi inspirado pelo trabalho de artistas queer. Em troca, houve sofrimento, dor e violência. Ao longo da história, a sociedade travou uma batalha contra os seus cidadãos e cidadãs queer: elas devem seguir carreiras criativas, contanto que discretamente. Através das artes, as queer são produtivas, lucrativas, entretém e até são capazes de inspirar. Estes são os mais claros e úteis subprodutos daquilo que, do contrário, é considerado um comportamento antissocial. Nos círculos culturais, as queers podem coexistir tranquilamente com uma elite que, de outro modo, as abomina.

Na linha de frente da mais recente campanha para esmagar artistas queer está Jesse Helms, árbitro de tudo o que é mais decente, moral, cristão e americano. Para Helms, a arte queer é simplesmente uma ameaça para o mundo. Na sua imaginação, a cultura heterossexual é frágil demais para admitir a diversidade humana ou sexual. A estrutura

de poder no mundo judaico-cristão fez da procriação sua pedra angular. Famílias gerando filhos asseguram consumidores para os produtos da nação e uma mão-de-obra para produzi-los, além de um sistema familiar bem constituído para cuidar dos seus doentes, reduzindo o custo dos sistemas públicos de saúde. Todo comportamento não procriativo é considerado uma ameaça, da homossexualidade ao controle reprodutivo, ao aborto como uma opção. Mas não é suficiente, de acordo com o direito religioso, propagandear maciçamente a procriação e a heterossexualidade... é preciso também destruir qualquer alternativa a elas. Não é a arte que Helms persegue... São as nossas vidas! A arte é o último reduto seguro para lésbicas e gays prosperarem. Helms sabe disso e desenvolveu um programa para expurgar as queers da única arena em que elas foram permitidas contribuir para a nossa cultura compartilhada.

Helms defende um mundo livre da diversidade ou do dissenso. É fácil imaginar porque isso deve parecer mais confortável para aqueles que comandam um tal mundo. É igualmente fácil vislumbrar uma paisagem amerikana achatada por um tal poder. Helms deveria apenas se perguntar pelo quê, afinal, está lutando: Arte financiada pelo Estado? Arte totalitária? Arte apenas segundo os padrões cristãos? Arte que cumpre as metas daqueles no poder? Arte que combine com os sofás da Casa Branca? Pergunte-se o que você quer, Jesse, para que homens e mulheres conscientes possam se mobilizar contrariamente, como fazemos contra as violações de direitos humanos em outros países e como lutamos para libertar os dissidentes dentro do nosso próprio país.

**Se você é queer, grite!**

**As queers estão sob cerco.**

Estão sendo atacadas em todas as frentes e meu temor é que tudo pareça “ok” para nós. Em 1969, as queers foram atacadas. E não foi “ok”. As queers reagiram, tomaram as ruas.

Gritaram.

Em 1990, 50 ataques homofóbicos foram registrados apenas no mês de Maio. Ataques violentos. 3.720 homens, mulheres e crianças morreram de AIDS no mesmo mês, provocados por um ataque ainda mais violento – a omissão do Estado, enraizada na homofobia crescente na nossa sociedade. Esta é uma forma de homofobia institucionalizada, talvez ainda mais perigosa para a existência queer porque os agressores não têm rosto. Consentimos estes ataques através da nossa própria paralisia diante deles. A AIDS atingiu o mundo hétero e agora eles nos culpam por ela e se utilizam dela para justificarem sua violência contra nós. Eles não nos querem mais. Eles irão nos bater, nos estuprar e nos matar, antes que tenham que conviver conosco. O que deverá levar até que tudo isto não seja “ok”? Demonstre alguma raiva! Se a raiva não empoderá-la, tente o medo. Se não funcionar, tente o pânico.

Grite!

Tenha orgulho! Faça o que for preciso para sair do estado habitual de aceitação. Seja livre! Grite!

Em 1969, as queers reagiram. Em 1990, dizem “ok”.

No ano que vem, estaremos aqui?

## [Sem-título]

Eu odeio Jesse Helms. Eu odeio tanto Jesse Helms que ficaria feliz se ele caísse morto de repente. Se alguém o matasse, eu diria que a culpa foi dele.

Eu odeio Ronald Reagan também, porque ele assassinou em massa o meu povo por oito anos seguidos. Mas, para ser sincera, eu o odeio ainda mais por elogiar Ryan White sem antes admitir a sua própria culpa, sem antes implorar o perdão pela morte de Ryan e pela morte de dezenas de milhares de outras pessoas com AIDS - quase todas queer. Eu o odeio por zombar do nosso luto.

Eu odeio a porra do Papa, a porra do cardeal John O'Connor e odeio toda a porra da Igreja Católica também! O mesmo vale para as Forças Armadas, e especialmente os "oficiais da lei" americanos - os policiais - sadistas sancionados pelo Estado que brutalizam travestis, prostitutas e prisioneiros queer. Também odeio os sistemas médico e psiquiátrico, em especial aquele psiquiatra que me convenceu a não fazer sexo com outros homens durante três anos até que eu (isto é, ele) pudesse me fazer bissexual antes que "anormal" (queer). Também odeio o sistema educacional pela sua cota no número de jovens queer que foram levados ao suicídio nos últimos anos. Odeio o "respeitável" mundo da arte; e a indústria do entretenimento, e os veículos de comunicação em massa, em especial o The New York Times. De fato, odeio cada setor do establishment heterossexual deste país - dentre os quais os piores querem nos ver mortas e os melhores nunca dão as caras para tentar nos manter vivas.

Odeio heterossexuais que pensam terem algo inteligente a dizer sobre "sair do armário". Odeio heterossexuais que pensam que suas histórias são "universais" e que as nossas dizem respeito apenas à homossexualidade. Odeio músicos heterossexuais que fazem suas carreiras decolarem às custas do povo queer e depois nos atacam, se sentindo feridos quando demonstramos raiva e negando terem nos traído ao invés de se desculparem. Odeio heterossexuais que dizem: "Não entendo porque você sente a necessidade de usar esses bótons e camisas. Eu não saio por aí dizendo pro mundo que sou hétero."

Eu odeio o fato de que em vinte anos de educação pública jamais fui ensinada sobre o povo queer. Odeio o fato de ter crescido pensando que eu era a única "estranha" neste mundo, e odeio ainda mais o fato de que muitas das crianças queer ainda crescem do mesmo modo. Odeio ter sido atormentada pelas outras crianças por ser uma bicha e ainda mais por ter sido ensinada a sentir vergonha de ser o objeto da crueldade delas, como se a culpa fosse minha. Odeio o fato da Suprema Corte deste país afirmar que é "ok" criminalizar alguém como eu pela maneira como faço amor. Odeio o fato de tantos heterossexuais demonstrarem-se preocupados com a porra da minha vida sexual. Odeio o fato de tantos heterossexuais desequilibrados se tornarem pais enquanto eu tenho que lutar feito o diabo para obter permissão para ser pai. Odeio héteros.

## Onde estão vocês, irmãs? Invisibilidade é nossa responsabilidade

Eu carrego meu triângulo rosa-choque por todo lado. Não abaixo minha voz em público quando falo sobre o amor ou sexo lésbicos. Sempre digo para as pessoas “sou lésbica”. Não espero me perguntarem sobre “o meu namorado”. Não digo que “não é da conta de ninguém”.

Não faço isso pelas pessoas hétero. Muitos deles sequer sabem o que o triângulo rosa significa. Muitos deles sequer se importam se eu e minha namorada estamos perdidamente apaixonadas ou brigando na rua. Muitos deles não percebem que existimos, não importa o que fazemos. Faço o que faço para atingir outras lésbicas. Faço o que faço porque não quero que outras lésbicas pensem que eu sou uma mulher hétero. Estou fora do armário o tempo todo, em qualquer lugar, porque eu quero atingir você. Talvez você irá me notar, talvez começaremos uma conversa, talvez nos tornemos amigas. Talvez não diremos palavra, mas nossos olhos irão se encontrar e eu irei imaginar você nua, suando, de boca aberta e costas arqueadas enquanto eu como você. E ficaremos felizes em saber que não estamos sozinhas no mundo. Ficaremos felizes porque encontramos uma à outra, sem dizer sequer uma palavra, talvez somente por um instante.

Mas não.

Você não usa o triângulo rosa-choque nesta sua lapela de linho. Você não encontrará os meus olhos se eu flertar com você na rua. Você me evita no trabalho porque eu “dou muita pinta”. Você me reprime nos bares porque eu sou “muito política”. Você me ignora em público porque eu chamo “muita atenção” para a “minha” lesbianidade. Mas então você me quer como sua amante, você me quer como sua amiga, você quer que eu te ame, apoie você e lute pelo “nosso” direito de existir.

Onde estará você?

Vocês falam, falam, falam em invisibilidade e então se recolhem em suas casas para deitarem-se ao lado das suas amantes ou saem pra balada com as amigas e voltam tropeçando pra casa num táxi ou ainda assentam-se silenciosa e comportadamente enquanto a sua família, seu chefe, seus vizinhos ou nossos funcionários públicos nos distorcem e nos desfiguram, nos denigrem e nos punem. E então, de volta à sua casa, você tem vontade de gritar. E por isso você dissipa a sua raiva num relacionamento, numa carreira, numa festa com outras sapsas como você e ainda tenta imaginar porquê não nos encontramos, porquê você se sente só, com raiva, alienada.

Levantem-se, acordem, irmãs!

A sua vida está nas suas mãos.

Quando eu arrisco tudo me assumindo, eu arrisco por nós duas. Quando eu arrisco tudo e funciona (e às vezes funciona, experimente tentar), eu me benefico e você também. Quando não funciona, eu sofro e você não.

Mas mulher! Você não pode esperar outras sapsas fazerem deste um mundo mais seguro pra você. Pare de esperar por um futuro mais lésbico e melhor! A revolução poderia ser agora,

se nós a começássemos.

Onde estão as suas irmãs? Tento te encontrar, tento te encontrar... Como é possível que eu só te veja na Parada Gay?

Nós estamos fora do armário. Onde estará você?

## [Sem-título]

Quando alguém te agride por ser queer, é um ataque anti-queer. Certo?

Um grupo de 50 pessoas deixa um bar gay, ao fechar. Na rua, alguns jovens hétero estão gritando “bichas” e lançando garrafas de cerveja nelas, que os superam em número de 10 para 1. Três bichas reagem, sem nenhum apoio do grupo. Por quê um grupo deste tamanho se permite assistir a tudo imóvel como estátuas?

Tompkins Square Park, Dia do Trabalhador. Durante um show anual de drags ao ar livre, um grupo de homens gay foi atacado por jovens armados com porretes. No meio de milhares de homens gays e lésbicas, estes homens hétero espancam dois homens até eles caírem, desfalecidos, e então postam-se ao seu redor, rindo-se, triunfantes. Do palco, o apresentador, alertado sobre a situação, anuncia para a multidão: “tomem cuidado, garotas! quando vocês se montam os bofes ficam loucos!” como se se tratasse apenas de uma piada motivada pelo modo como as vítimas se vestiam e não de um ataque contra um e cada um daqueles que participavam do evento. O que terá faltado para que aquela multidão pudesse se insurgir contra os agressores?

Depois que James Zappalorti, um homem abertamente gay, foi assassinado a sangue frio em Staten Island este inverno, uma única demonstração foi convocada em protesto. Apenas uma centena de pessoas compareceu. Quando Yusef Hawkins, um jovem negro, foi alvejado até a morte por estar em “território branco” em Bensonhurst, os afro-americanos, em muito maior número, marcharam dias a fio ao redor daquela vizinhança. Um jovem negro foi morto porque era negro e pessoas pretas ao redor daquela cidade perceberam isso e reagiram a isso. A bala que atingiu Hawkins foi disparada contra uma pessoa negra, qualquer pessoa negra. Será que a maioria dos gays e lésbicas realmente pensa que a faca que perfurou o coração de Zappalorti foi um golpe apenas contra ele?

O mundo hétero nos têm tão convencidas de que somos vítimas indefesas e merecedoras da violência que nos atinge, que as queers ficam imobilizadas quando encaram uma ameaça. Revolte-se! Estes ataques não devem ser tolerados. Façam alguma coisa! Assumam que qualquer ato de agressão contra qualquer membro da nossa comunidade é um ataque a cada membro da comunidade. Quanto mais consentimos que homofóbicos inflijam violência, terror e medo nas nossas vidas, mais frequente e obsessivamente seremos o objeto do seu ódio. O seu corpo não pode ser um alvo aberto para a violência. Vale a pena protegê-lo. Você tem o direito de defendê-lo. Não importa o que eles digam, a sua diferença deve ser defendida e respeitada. É melhor você entender que a sua vida tem um valor inestimável, porque se você não começar a acreditar nisso, então ela poderá ser facilmente tomada de você. Se você sabe como, gentil e eficazmente imobilizar o seu agressor, então, seja qual for o meio, faça-o! Se você não tem essa habilidade, então considere arrancar-lhe a porra dos



olhos, enfiar o nariz dele no próprio cérebro, rasgar-lhe a garganta com um caco de vidro – faça o que puder fazer, o que tiver que fazer, para salvar a sua vida!

## Por quê Queer?

Queer!

Ah, temos mesmo que usar essa palavra? É furada! Cada pessoa gay tem a sua opinião sobre ela. Para algumas, significa estranha, excêntrica e algo misteriosa. Tudo bem, gostamos disso. Mas algumas garotas e garotos gay não. Elas pensam que são mais normais do que estranhas. E para algumas, “queer” evoca aquelas terríveis memórias do sofrimento vivido na adolescência. Queer. Na melhor das hipóteses, a palavra é agridoce e extravagante, na pior, frustrante e dolorosa. Não poderíamos simplesmente dizer “gay”? A palavra é muito mais radiante. E não é sinônimo de “alegre”? Quando vocês militantes vão crescer e superar a mania de serem diferentes?

Bem, sim, “gay” é lindo. Tem seu lugar. Mas quando muitos homens e mulheres gays acordam, pela manhã, sentimos raiva e desgosto, não alegria. Por isso escolhemos nos chamarmos “queer”. Usar “queer” é uma maneira de lembrarmos como somos percebidas pelo resto do mundo. É uma maneira de dizermos que não precisamos ser pessoas empolgadas e charmosas, que levam suas vidas discretamente e à margem do mundo hétero. Usamos queer como homens gays que amam lésbicas e lésbicas que amam ser queer. Queer, ao contrário de gay, não significa macho.

E, quando falada para outros gays e lésbicas, é um modo de sugerir que cerremos fileira e esqueçamos (temporariamente) nossas diferenças individuais, uma vez que enfrentamos um inimigo comum e mais perigoso. Sim, queer pode ser uma palavra dura, mas é também uma arma sagaz e irônica que podemos roubar das mãos dos homofóbicos e usá-la contra eles.

## Nenhuma polícia sexual

Qualquer um que diga que “sair do armário” não faz parte da revolução está enganado. Imagens sexuais positivas e aquilo o que elas manifestam salvam vidas porque elas afirmam estas vidas e tornam possível que as pessoas vivam com amor próprio ao invés de viverem com o próprio desprezo. Como o famoso Black is beautiful (Preto é lindo) mudou muitas vidas, assim também Read my lips (Leia os meus lábios) afirma a nossa diferença face ao ódio e a invisibilidade. Como demonstra uma recente pesquisa governamental, pelo menos 1/3 dos adolescentes que cometem suicídio são jovens queer. O que também é exemplificado pelo crescimento da transmissão do HIV entre jovens abaixo dos 21 anos. O que odeiam em nós, enquanto queers, é a nossa sexualidade, isto é, nosso contato físico com o mesmo sexo. É a nossa sexualidade e expressão sexual o que nos torna mais suscetíveis à violência física. Nossa diferença, nossa alteridade, nossa singularidade pode tanto nos paralisar quanto nos politizar. Com esperança, a maioria de nós não permitirá que ela nos aniquile.

## [Sem-título]

Porque diabos permitimos héteros nas boates queer? Quem se importa se eles gostam de nós porque “realmente sabemos dar uma festa”? Nós temos que fazer isso para ajudar a levantar a estima que eles nos negam o tempo todo! Eles saem por onde querem, e roubam muito espaço na pista ostentando seus passinhos a dois. Eles vestem sua heterossexualidade como um sinal de “afaste-se” ou um manto sagrado.

Porque diabos toleramos eles quando invadem nosso espaço como se fosse um direito seus? Porque permitimos que eles esbanjem heterossexualidade – uma arma que o mundo deles ergue contra nós – bem debaixo dos nossos narizes, nos poucos espaços públicos onde nós podemos nos expressar libidinosamente sem temer um ataque?

É hora de parar com isso de deixar que as pessoas hétero deem todas as regras. Começemos pregando este recado na porta de cada bar ou boate gay:

### Regras de conduta para héteros

1. Exibam suas manifestações de afeto (beijos, mãos dadas, abraços) o mínimo possível. A sexualidade de vocês é indesejada e ofensiva para muitas aqui.
2. Se vocês quiserem dançar juntinhos e devagarzinho, chamem a menor atenção possível.
3. Não admirem ou encarem lésbicas ou homens gays, especialmente caminhoneiras e drag queens. Não somos a sua diversão.
4. Se você não pode lidar tranquilamente com alguém do mesmo sexo dando em cima de você, caia fora!
5. Não exiba sua heterossexualidade. Sejam discretos. Arrisquem ser confundidos com uma lésbica ou um gay.
6. Se você acha estas regras injustas, vá combater a homofobia em boates hétero ou...
7. Foda-se você!

## Odeio Héteros

Eu tenho amigos. Alguns deles são héteros.

Todos os anos, encontro meus amigos héteros. Quero encontrá-los, saber como vão as coisas, acrescentar alguma novidade às nossas longas e complicadas histórias, experimentar alguma continuidade.

A cada ano, eu continuo achando que os fatos da minha vida são irrelevantes para eles e que eu sou apenas parcialmente ouvida, que sou apenas o apêndice para as tarefas de um mundo maior, um mundo de poder e privilégios, mundo das “leis de instalação”, mundo de exclusão.

“Isso não é verdade”, argumentam meus amigos héteros. Há apenas uma certeza na política do poder: aqueles que estão de fora imploram inclusão, enquanto os que estão dentro afirmam que eles já foram incluídos. Homens fazem isso com mulheres, brancos fazem isso com negros e todo mundo faz isso com as queer.

A principal linha divisória, tanto consciente quanto inconsciente, é a procriação... além daquele mundo mágico - a Família. Com frequência, aqueles dentre os quais nascemos nos renegam quando descobrem quem realmente somos. Somos punidas, insultadas, afastadas e tratadas como sediciosos da criação infantil – condenados tanto se quisermos tentar quanto se quisermos nos abster. É como se a propagação da espécie fosse uma diretiva tão frágil que sem forçar as pessoas a tal, como uma verdadeira agenda, a humanidade fosse novamente se dissolver no caos primitivo.

Detesto ter que convencer as pessoas hétero que os gays e lésbicas vivem numa zona de guerra, que estamos rodeadas pelos sons das bombas que só nós parecemos ouvir, que nossos corpos e almas são empilhados aos montes, mortos de medo, esmagados, estuprados, mortos por desgosto ou doença, despidos de sua personalidade.

Eu odeio os heterossexuais que são incapazes de ouvir a nossa raiva queer sem dizer “Ei! nem todos os heterossexuais são assim. Também sou hétero, você sabe”, como se os seus próprios egos já não estivessem suficientemente protegidos neste mundo arrogante e heterossexista. Porque deveríamos cuidar deles, em meio à toda raiva infligida a nós por sua sociedade de merda?! Porque acrescentarmos “claro, não quis dizer você, você não age assim”. Deixe que descubram por si mesmos se merecem ou não serem incluídos entre os alvos da nossa fúria.

Mas, é claro, isso exigiria ouvir o som da nossa fúria, o que eles quase nunca fazem. Eles se esquivam, dizendo “Eu não sou assim” ou “Agora veja quem está generalizando” ou “Você atrairia mais apoiadores se fosse gentil...” ou “Se você focar somente no pior só atrairá mais coisas ruins...” ou “Você não é o único no mundo que está sofrendo.” Eles dizem “Não grite comigo, estou do seu lado” ou “Eu acho que você está se excedendo” ou “Cara, você é tão amargo!”.

## Permita-se sentir raiva

Eles nos ensinaram que queer bem comportada não sente raiva. Nos ensinaram tão bem, que não apenas escondemos a nossa raiva deles, como também de nós mesmas. Escondemos até de nós mesmas. Escondemos com abuso de drogas, suicídio ou na busca exagerada por nos superarmos na esperança de que possamos provar pra eles que valem alguma coisa. Eles nos atacam, nos esfaqueiam, nos alvejam, nos bombardeiam em números cada vez mais altos e ainda nos preocupamos quando um punhado de queers, com raiva, empunham cartazes ou sinais dizendo “caiam fora!”. Na última década, eles nos deixaram morrer aos milhares e ainda agradecemos o Presidente Bush por plantar uma arvorezinha, o aplaudimos por comparar pessoas com AIDS a vítimas de acidentes de carro que se recusaram a usar o cinto de segurança. Permita-se sentir raiva. Permita-se sentir raiva pois o preço da visibilidade é a constante ameaça de violência, violência homofóbica com a qual praticamente cada setor dessa sociedade contribui. Permita-se sentir raiva do fato de que não há lugar neste país onde estejamos seguras, nenhum lugar onde não somos alvo do ódio e do ataque, do nosso próprio desprezo, do suicídio – do armário.

Da próxima vez que algum hétero vir pra cima de você porque você demonstrou a sua raiva, diga a eles que, até as coisas mudarem, você não precisa de mais nenhuma prova de que o mundo gira às tuas custas. Que você não precisa assistir apenas casais hétero fazendo compras na sua TV... Que você não que ver nem mais uma foto de bebê, antes que você possa ter ou manter o seu. Por favor, nem mais um casamento, chá de fraldas, aniversário, até que sejam os nossos próprios irmãos e irmãs a celebrarem. E diga a eles que não te rebaixem dizendo “Você tem direitos”, “Você tem privilégios”, “Você está se exaltando” ou “Você está sendo vitimista”. Diga a eles “Saia da minha frente, até você mudar”. Vai lá e tenta viver num mundo sem os fortes e bravos queers que são os seus esteios, os seus instintos, cérebros e almas. Diga a eles que saiam da sua frente e não apareçam até terem experimentado passar um mês andando de mãos dadas, em público, com alguém do mesmo sexo. Depois, se eles sobreviverem, então você ouvirá o que eles têm a dizer sobre a nossa raiva. Do contrário, diga eles que calem a boca e apenas escutem.



Edições Chão da Feira  
Caderno de Leituras / Série Intempestiva  
Projeto gráfico - Mateus Acioli  
Novembro de 2016

[chaodafeira.com](http://chaodafeira.com)

Patrocínio



**PREFEITURA  
BELO HORIZONTE**



Realizado com recursos da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte